



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AUCILENE MEDEIROS DE ARAÚJO
JOÃO BATISTA VENTURA DA SILVA

A LITERATURA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

JOÃO PESSOA – PB

2016

AUCILENE MEDEIROS DE ARAÚJO
JOÃO BATISTA VENTURA DA SILVA

A LITERATURA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, Campus João Pessoa, Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Nádia Jane de Sousa

JOÃO PESSOA – PB

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

A663I Araújo, Aucilene Medeiros de.

A literatura na prática pedagógica da educação infantil / Aucilene Medeiros de Araújo, João Batista Ventura da Silva. – João Pessoa: UFPB, 2016.

50f.

Orientadora: Nádia Jane de Sousa

Monografia (graduação em Pedagogia) – UFPB/CE

1. Educação infantil. 2. Criança - desenvolvimento. 3. Contação de estórias. I. Silva, João Batista Ventura da. II. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 373.2(043.2)

AUCILENE MEDEIROS DE ARAÚJO
JOÃO BATISTA VENTURA DA SILVA

A LITERATURA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, Campus João Pessoa, Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovado em _____ de junho de 2016.

Profa. Dra. Nádia Jane de Sousa – Orientadora
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Examinador
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Examinador
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

DEDICATÓRIA

A meu esposo (Severlânio) que me apoiou ao longo de toda essa caminhada.

Dedico

(Aucilene M. de Araújo)

Primeiramente a Deus por ter possibilitado a conclusão integral do curso de Licenciatura em Pedagogia e também a minha família, como um todo, pelas incontáveis contribuições ao longo de todo o curso.

Dedico

(João Batista V. da Silva)

AGRADECIMENTOS

Sou grata ao meu Deus, por ter me guiado a cada estudo diário e por ter me dado forças a cada instante para que eu chegasse à conclusão da graduação.

Agradeço a meu amado esposo (Severlânio), que sempre me incentivou a estudar. E quando em um momento de limitação de forças para continuar, ele me deu o impulso para concluir o curso, assim como em todos os momentos me ajudando com os filhos para que eu tivesse tempo suficiente para estudar e ir à universidade.

Agradeço a toda a minha família pelo incentivo que me deram, proporcionando-me mais desejo de concluir o curso.

A todos os professores que contribuíram para que o meu aprendizado se aperfeiçoasse a cada instante que partilhava os seus conhecimentos comigo e meus colegas.

Agradeço de coração a minhas amadas companheiras de estudo em equipe, Sara Chaussê e Catarina Miranda que sempre me ajudaram a ter desejo de chegar ao final, e quando em um momento difícil em que não pude estar presente, elas não esqueceram que eu estava ali, em pensamento e coração.

Agradeço ao meu companheiro João que, compartilhou comigo momentos difíceis, no entanto, com esforço, paciência e cooperação, conseguimos hoje sorrir ao terminar esse trabalho. Pela sua colaboração e companheirismo em fazer parte junto comigo dessa grande conquista.

A banca, que se disponibilizou em nos dar sua parcela de contribuição para a somatória desse trabalho.

E por fim, a nossa professora Nádia que nos orientou tão cuidadosamente nessa tarefa árdua.

(Aucilene M. de Araújo)

Agradeço, inicialmente, a Deus por ter me proporcionado a possibilidade de concluir essa graduação com o êxito e sucesso com os quais a concluí.

Agradeço, também, aos meus familiares que sempre estiveram ao meu lado, quer seja direta ou indiretamente, me dando muita força durante todo o percurso da graduação e fazendo com que ela se tornasse algo leve de ser conduzido por mim.

Sabe-se que não é fácil concluir um curso, especialmente de nível superior. Para isso, portanto, é imprescindível que possamos contar com a ajuda de alguns colegas de classe.

Contei com a ajuda de alguns, é verdade. Mas, de maneira bem especial, quero aqui, reiterar os meus mais sinceros agradecimentos à minha colega de classe Tânia Maria que, desde o primeiro período, mostrou-se ser uma pessoa formidável, agradável e, sobretudo, amiga.

Agradeço, ainda, a minha Companheira de TCC Aucilene Medeiros pelos períodos de estudos juntos, pelos estágios e, muito especialmente, pela grande e grata parceria na construção deste trabalho.

Agradeço, também, à professora doutora Nádia Jane pelos tempos que se dedicou a nos orientar com bastante paciência e dedicação.

Sou grato também às (os) professoras Maria Claurênia e Ana Nogueira por terem aceitado participar da nossa banca examinadora.

Não posso deixar de agradecer, ainda, a alguns professores do curso que o fizeram ser de muito aprendizado e, sobretudo, o fizeram valer à pena.

(João Batista V. da Silva)

EPÍGRAFE

Abrir as páginas de um livro equivale a dizer “abracadabra”, para poder voar a alturas inmensuráveis, viajar em espaços sem limites, viver aventuras fabulosas [...] A literatura propõe o voo, a viagem, as descobertas e as aventuras. Cada um voa, viaja, descobre e se aventura com asas que são suas, levando no voo, a bagagem própria, com que se pode ir mais longe e para ficar mais tempo, tirando maior proveito, conforme a disponibilidade interior.

(Vânia Maria Resende)

RESUMO

O presente trabalho tem como temática “A literatura infantil na prática pedagógica da educação infantil”. Dessa forma, apresentamos a seguinte problemática: como a literatura infantil contribui para o desenvolvimento integral das crianças e como e quais gêneros são utilizados nas salas de referência na Educação Infantil? Temos como objetivo compreender de que maneira a literatura infantil contribui para o processo de desenvolvimento integral das crianças, bem como verificar, quais gêneros literários são utilizados e como ocorre a leitura desses gêneros na prática pedagógica na educação infantil, mostrando que a leitura e a contação de histórias é considerada um fator importante para o desenvolvimento das crianças. Para tanto, a metodologia utilizada se pautou pela pesquisa de natureza qualitativa, alicerçada em pressupostos teóricos que abarcam tanto a temática quanto a pesquisa de campo que se limitou a questionários direcionados a cinco professoras que atuam na pré-escola, todas de uma escola de educação básica do município de João Pessoa/PB. Entre os referenciais teóricos adotados, privilegiamos a produção de alguns autores como Coelho, Abramovich, Lajolo, Resende, Pinheiro, Cavalcanti, entre outros. Diante de todas as informações contidas em nossa pesquisa, pode-se concluir que é essencial a presença da literatura e seus diversos gêneros textuais no processo educativo, uma vez que são atividades privilegiadas de interação e construção de conhecimentos, apoiadas nas necessidades e realidades das crianças. Vale ressaltar, ainda, que as professoras mencionadas também reconhecem o papel das histórias no processo educativo como fator contribuinte no desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Educação Infantil. Desenvolvimento infantil.

ABSTRACT

This work has the theme "Children's literature in the pedagogical practice of early childhood education." Thus, we present the following problems: how children's literature contributes to the integral development of children and how and which genres are used in reference rooms in kindergarten? We aim to understand how children's literature contributes to the process of integral development of children, and to verify, what genres are used and how does the reading of these genres in pedagogical practice in early childhood education, showing that reading and storytelling stories is considered an important factor for the development of children. Therefore, the methodology used was based by qualitative research, based on theoretical assumptions that include both thematic field research that was limited to questionnaires directed to five teachers who work in preschool, all of a school of education Basic the city of João Pessoa / PB. Among the theoretical framework adopted, we favor the production of authors like Coelho, Abramovich, Lajolo, Resende, Pinheiro, Cavalcanti, among others. Considering all the information contained in our research, we can conclude that the presence of literature and its various genres in the educational process is essential, since they are privileged activities of interaction and construction of knowledge, supported the needs and realities of children . It is worth mentioning also that the above mentioned teachers also recognize the role of stories in the educational process as a contributing factor in child development.

Keywords: Children's Literature. Child education. Child development.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	13
2.1 O que dizem os documentos oficiais?	13
3 A LITERATURA INFANTIL E A EDUCAÇÃO BRASILEIRA EM UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO	16
3.1 Contar histórias: uma arte.....	20
4 GÊNEROS LITERÁRIOS	26
4.1 A Poesia.....	26
4.2 O conto de fadas	27
4.3 A Fábula	27
4.4 A Crônica.....	28
4.5 Segredos e técnicas na arte de contar histórias.....	29
5 PERCURSO METODOLÓGICO	33
6 RESULTADOS	35
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICE

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho mostra reflexões sobre a importância da literatura infantil e da contação de histórias na educação infantil, trazendo elementos que possam contribuir para o pensar na utilização dessa arte para apoiar as práticas pedagógicas dos professores, de maneira que possam ajudá-los a dinamizarem atividades que visem o desenvolvimento intelectual e emocional das crianças. A literatura é uma importante ferramenta frente ao aprendizado uma vez que, propicia ao leitor, o gosto pela leitura e influencia o hábito de ler.

Entendendo a relevância deste ato perante as crianças, a presente monografia intitulada “A literatura infantil na prática pedagógica da educação infantil”, tem como objetivo compreender de que maneira a literatura infantil contribui para o processo de desenvolvimento integral das crianças, bem como verificar quais gêneros literários são utilizados e como ocorre a leitura desses gêneros na prática pedagógica na educação infantil.

Sendo assim, esse trabalho também permite a todos que se interessam pela educação de crianças refletir, compreender e levantar discussões acerca da prática pedagógica, envolvendo a literatura infantil e a contação de histórias, visto que são consideradas atividades que ajudam na formação de leitores e sujeitos bem informados e reflexivos acerca da sua realidade.

Compreendermos as implicações sobre a contação de histórias e a literatura infantil nas práticas cotidianas da creche, nos leva a refletir em como as mesmas contribuem para o desenvolvimento integral das crianças e de que maneira os educadores as usam para incentivar a criança a gostar da leitura. Visto que essas ações devem possuir o intuito de provocar mudanças e contribuir para o desenvolvimento das crianças da educação infantil, esse trabalho tenta mostrar de que forma os profissionais da instituição infantil procuram estabelecer uma mediação entre a criança e o livro.

Assim, o segundo capítulo do nosso trabalho foi destinado às linguagens na educação infantil, o que dizem os documentos oficiais acerca do tema, como contribuem para o bom funcionamento dessa etapa da educação básica. O Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil – RCNEI (1998) assim como as Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil – DCNEI (2010) são documentos que, entre vários outros assuntos, abordam as linguagens que permeiam o universo infantil e, em virtude da importância e influência de ambos os documentos e também por sua clareza e seriedade com as quais eles abordam tal assunto, eles foram escolhidos para a elaboração deste trabalho.

O terceiro capítulo se deteve em mostrar um breve percurso histórico da Literatura

Infantil no Brasil, visto que por volta de 1916, Monteiro Lobato já manifestava uma preocupação com os livros que eram voltados para as crianças. Mas, o verdadeiro espaço da Literatura Infantil brasileira surgiu em meados de 1922, durante a Semana de Arte Moderna. Ao longo desse período, grandes debates acerca de uma reforma educacional foram impulsionados, a exemplo dos métodos pedagógicos que eram utilizados na Europa. Depois disso, novos rumos são dados à Literatura Infantil.

O quarto capítulo procurou mostrar alguns gêneros literários que são mais utilizados na educação infantil e que meios o professor deve se valer para que a leitura e a contação de histórias sejam proveitosas e afetuosas e não enfadonhas. Mostra também, a importância de o professor ser um bom leitor e procurar proporcionar várias atividades inovadoras, procurando conhecer o que mais interessa aos pequeninos. Diante disso, as atividades desempenhadas pelos profissionais, que fazem parte da instituição, devem visar atender as necessidades das crianças. É de incumbência também do profissional de educação, refletir como está sendo conduzida a sua prática diante da leitura, buscando redirecionar sua postura que, dependendo de como for conduzida, transformará a criança num leitor. Assim, os professores que atuam na educação infantil precisam compreender que a leitura amplia a mente da criança proporcionando a ela reflexão acerca de valores e sentimentos, a enfrentar conflitos e a conviver com diferenças. Sendo assim, as interações estabelecidas no ambiente da educação infantil são indispensáveis à criança não somente para sua aprendizagem social e cultural, mas também para a construção de sua identidade.

O quinto capítulo focalizou o percurso metodológico, como foi conduzida a pesquisa, de que tipo e os meios que foram utilizados para obtenção e análise dos dados, assim como a análise dos dados colhidos com os sujeitos da pesquisa, as professoras de uma instituição de educação infantil.

E, por último, apresentamos a conclusão, onde tecemos comentários acerca da importância da leitura e contação de histórias na educação das crianças. E que esse ato sempre se mantenha presente nas ações pedagógicas das educadoras como instrumentos essenciais diante do aprendizado, uma vez que permite à criança um valioso contato com o universo mágico da literatura.

Sendo assim, a literatura é entendida, de modo particular, como sendo uma importante para contribuir com as crianças no seu processo de desenvolvimento integral. De acordo com nossos estudos, a literatura infantil faz parte da rotina da educação infantil nos mais variados momentos.

2 LINGUAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo iremos abordar as contribuições do RCNEI (1998) e do DCNEI (2010) perante a educação infantil, os usos das linguagens oral e escrita, bem como de que maneira tais documentos contribuem para que o ambiente escolar se torne agradável e eficiente diante do aprendizado.

2.1 O que dizem os documentos oficiais?

O Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil – RCNEI (1998) assim como as Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil – DCNEI (2010) são documentos que, entre vários outros assuntos, abordam as linguagens que permeiam o universo infantil e, em virtude da importância e influência de ambos os documentos e também por sua clareza e seriedade com as quais eles abordam tal assunto, eles foram escolhidos para a elaboração deste trabalho.

Há uma grande preocupação em ambos os documentos acerca das mais variadas linguagens que permeiam o aprendizado infantil quer sejam a música, a dança, o teatro, a linguagem oral e também escrita.

A aprendizagem da linguagem oral e da escrita são assuntos que se tornam relevantes visto que seu aprendizado é importante para a continuidade do processo de educação das crianças. E, assim sendo, este ato de extrema importância para elas necessita de um ambiente que seja agradável. Dessa maneira, um ambiente que seja limpo irá favorecer ao aprendizado das crianças, uma vez que este se tornará propício para que o professor desenvolva suas atividades de forma satisfatória.

A linguagem oral e escrita é fundamental para que as crianças possam se inserir na sociedade e, assim sendo, seu aprendizado se torna imprescindível.

A educação infantil, ao realizar um trabalho com a linguagem oral e escrita, promove para as crianças a possibilidade de ampliação de mundo, no qual elas terão o desenvolvimento das quatro competências linguísticas básicas, que, segundo o Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil – RCNEI (1998) são: falar, escutar, ler e escrever.

A linguagem oral está presente no cotidiano de adultos e crianças, sendo esta uma das ferramentas mais utilizadas para expressar formas de comunicação entre os seres humanos. O RCNEI (1998) explica que, em uma tentativa de se aproximar do universo

infantil, muitos adultos procuram falar imitando as crianças e, para isso, eles infantilizam sua maneira de falar utilizando-se do que supõe ser a mesma “língua”, faz uso excessivo dos diminutivos em uma tentativa errônea de infantilizar o mundo real para as crianças e isso não se faz necessário.

O RCNEI (1998) diz que a linguagem não é só um vocabulário e sim um diálogo no qual são os sujeitos que atribuem sentidos únicos às falas. Esclarece, ainda, que a linguagem não é homogênea porque há variantes de falas, diferenças nos graus de formalidades e convenções daquilo que se pode e deve falar em algumas situações comunicativas.

O uso da linguagem oral contribui também para o pleno desenvolvimento social da criança, pois, “a linguagem oral possibilita comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais. Seu aprendizado acontece dentro de um contexto” (RCNEI, v. 3, p. 121).

A linguagem oral é muito importante uma vez que ela está presente no dia a dia das pessoas e é um dos mais utilizados meios de comunicação.

No tocante à linguagem escrita, esta é um pouco mais complexa para as crianças. Porém, não menos importante. Durante todo o processo de aquisição da linguagem escrita, os erros da criança não devem ser vistos pelos adultos como algo negativo e sim como parte do processo de aprendizagem da mesma, pois, conforme o RCNEI (1998, p. 128):

No processo de construção dessa aprendizagem as crianças cometem “erros”. Os erros, nessa perspectiva, não são vistos como faltas ou equívocos, eles são esperados, pois se referem a um momento evolutivo no processo de aprendizagem das crianças.

O que se considera um erro cometido pelas crianças deve ser visto pelo profissional de educação como uma tentativa em aprender pela mesma, tentativa essa que, após sucessivas vezes, se transformará em acerto e contribuirá para o seu aprendizado.

Por sua vez, as Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil – DCNEI (2010) esclarecem a importância do contato das crianças com as mais variadas linguagens, reconhecendo a pluralidade das imagens, sons, falas e escritas. Segundo essas Diretrizes, tudo isso deve ser garantido pelas Propostas Curriculares da Educação Infantil. Além disso, fica evidente a importância de se ampliar a acessibilidade da criança à música, à expressão verbal e também à dramática, pois isso abre ricas alternativas de vivências e de desenvolvimento das crianças.

Assim sendo, no item que aponta as Práticas Pedagógicas da Educação Infantil, o

DCNEI (2010) assegura garantias de experiências que: “Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical” (DCNEI, 2010, p. 25).

Portanto, quanto mais as crianças tiverem acesso à arte, à música e a outros elementos que corroborem para o seu desenvolvimento, mais essas crianças terão a rica possibilidade de ampliar os seus conhecimentos, tornando-se um adulto bem mais culto e crítico, inclusive.

Fica evidente, ainda, segundo as Diretrizes, a importância de que a instituição escolar seja um ambiente limpo, agradável tanto para a criança quanto para o professor, uma vez que isso irá, certamente, tornar o aprendizado das crianças mais prazeroso e eficaz. Além disso, as Diretrizes defendem que os ambientes de ensino devem criar contextos que articulem as diferentes linguagens e que permitam a participação, criação, manifestação e consideração de seus interesses

Visto que a instituição escolar é o ambiente em que as crianças passam uma boa parte de seu dia, quanto mais esse ambiente for agradável para elas, agradável não apenas do ponto de vista da limpeza e organização, mas também do ponto de vista da diversidade de atividades curriculares (música, dança, teatro), mais essa instituição estará próxima de cumprir o seu papel perante a sociedade (que é o de formar cidadãos) e, ao mesmo tempo, não será vista como um “fardo” pelas crianças e sim como um ambiente em que eles procurarão não mais por uma obrigação, mas por satisfação.

Naturalmente, isso influencia perante o seu aprendizado que passa a ser, além de bem mais completo, bem mais eficiente. Com isso, ganha os professores, a unidade de ensino, as crianças e também a sociedade como um todo.

Nesse sentido, faz-se importante conhecer o percurso da literatura infantil no Brasil, alguns de seus principais nomes, obras, dificuldades e evolução.

3 A LITERATURA INFANTIL E A EDUCAÇÃO BRASILEIRA EM UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO

O homem sempre teve a necessidade de comunicar-se, de contar estórias, de dividir com as outras experiências suas e, talvez foi a partir daí que surgiu nele o impulso de contar estórias. O gênero preferido de algumas crianças são os contos de fadas e as fábulas por serem atrativas, de mais fácil entendimento e despertarem o interesse.

Este é um ato bastante importante para as crianças, pois, como nos afirma Abramovich (1995) é fundamental para qualquer criança ouvir diversas histórias. “Escutá-las é o início da aprendizagem para um ser leitor” (ABRAMOVICH, 1995, p. 16).

De acordo com Simões (2000) a história deve estimular sua imaginação, ajudando em seu desenvolvimento intelectual, afetivo e a reconhecer alguns de seus problemas. Assim sendo, é necessário saber escolher o livro ou a história, as quais devem estar de acordo com a faixa etária de quem vai ouvi-las, conter elementos que envolva a criança e que consiga prendê-la com seu conteúdo.

Não se pode falar em literatura infantil sem citar o grande José Bento Monteiro Lobato, que é conhecido como o mestre da literatura infantil. Nascido em Taubaté (SP), começou a publicar seus contos iniciais no conceituado jornal “O Estado de São Paulo”. Por volta de 1916, Monteiro Lobato já manifestava uma preocupação com os livros que eram voltados para as crianças. Dedicou-se intensamente à Literatura Infantil e teve diversas obras marcantes. Eis algumas das mais significativas: *Reinações de Narizinho* (1921), *O Saci* (1921), *O Marquês de Rabicó* (1922), *O Pica Pau Amarelo* (1939), entre várias outras.

Mais tarde, em 1926, seus livros já eram traduzidos no exterior com o mesmo sucesso alcançado no Brasil. O autor morreu em 4 de julho de 1948 em São Paulo (SP).

O verdadeiro espaço da Literatura Infantil brasileira surgiu em meados de 1922, durante a Semana de Arte Moderna. Ao longo desse período, grandes debates acerca de uma reforma educacional foram impulsionados a exemplo dos métodos pedagógicos que eram utilizados na Europa. Depois disso, novos rumos são dados à Literatura Infantil.

Na década de 30 foi criado o Ministério da Educação, concretizando, dessa maneira, as novas diretrizes da educação pública a qual abrangia o ensino primário, secundário e também o superior. Já em 1936, foi criada a Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, em São Paulo. Nesse período começa a crescer a produção da Literatura Infantil a qual se baseava no saber por intermédio do estudo, sendo este um caminho considerado perfeito para a

preparação do homem não apenas em termos de crescimento intelectual, mas também o estudo visto como sendo uma grande preparação para a vida.

Nos anos 30 temos a divergência entre o real e a fantasia e essa oposição leva alguns setores educacionais da época a se posicionarem contra a Fantasia na Literatura, exigindo apenas a verdade e o real. Esta oposição se estende por longos dez anos. Nessa época, um Jornalzinho chamado “O Tico-Tico” era o que chamava a atenção das crianças. Ainda na década de 40, os Gibis tiveram uma grande expansão e eram chamados de “literatura Quadrinizada” que davam ênfase aos super-heróis, as séries detetivescas e as aventuras entre o maravilhoso e a ciência. Ainda nesta época, na literatura intensificou-se uma produção que era voltada para a educação pragmática da criança, onde o literário perde o lugar para o didático e, assim sendo, o maravilhoso, a fantasia e o imaginário são extintos das narrativas infantis. Isso acontecia por se acreditar que essas “mentiras” da literatura infantil poderiam provocar na criança algumas alienações. Apenas na década de 50 é que a literatura infantil começa a redescobrir a fantasia.

Uma escritora que renovou o ensino e também as leituras infantis, foi Alexina de Magalhães Pinto, que começa com uma coletânea intitulada *As Nossas Histórias* (1907) que se trata de uma produção de livros infantis que expressam as diretrizes almejadas naquela época. Presciliana Duarte de Almeida foi outra importante escritora que teve uma ação muito importante na divulgação de novas ideias culturais e literárias: Ela criou uma revista estudantil, escreveu peças de teatro e publicou *Páginas Infantis* (1908), que se tratava de uma coletânea de pequenas histórias.

Outro importante escritor que merece destaque frente à literatura infantil é Viriato Correia, que escreveu *Era Uma Vez* (1908), que se tratava de uma coletânea de contos folclóricos e contos maravilhosos. Seu maior sucesso foi *Cazuza* e a maior característica desse autor era justamente a preocupação, em seus textos, de sempre procurar divertir ensinando.

A literatura em quadrinhos começa a se expandir e a Revista *Pato Donald* é introduzida no Brasil. Porém, a literatura quadrinizada enfrenta várias dificuldades de se realizar uma vez que, os responsáveis pela formação educacional das crianças acreditavam que essas histórias em quadrinhos representavam um imenso perigo para a população. Assim sendo, é proposto que fosse terminantemente proibido o ingresso de revistas em quadrinhos sendo considerado seu caráter antipedagógico. Mesmo sendo combatida por alguns e apoiada por outros, o fato é que esse tipo de literatura cresce em importância como sendo um produto dos mais lucrativos na área de imprensa.

Na década seguinte, em 1960, a tecnologia continua em evolução trazida pela

televisão e, mais tarde, pelo computador. Com a ditadura surge uma efervescência cultural, tendo destaque a música. Nessa época, especificamente em 1965, se dá um dos grandes Festivais de Música Brasileira. Ainda nesta década, no governo João Goulart, foi que se votou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional cujo objetivo era a democratização do ensino, tornando a educação um direito de todos e uma obrigação do governo. A escolaridade obrigatória nesta época era de oito anos. Nesta lei a ênfase dada foi à literatura infantil ou à leitura com habilidade formadora básica. A partir deste momento, cresce a demanda dos livros literários, que acelera realmente em 1970. É assim que os livros de literatura infantil começam a chegar com uma ficha ou roteiro para subsidiar as atividades resultantes da leitura tanto na sala de aula quanto fora dela.

Vale ressaltar que, mesmo sendo importadas (pois o Brasil não tinha condições econômicas e culturais para produzi-las), as histórias em quadrinhos não foram esquecidas. Neste sentido, algumas tentativas foram feitas por Ziraldo e Maurício de Sousa, que lançou a Turma da Mônica, alcançando tanto o mercado nacional quanto o internacional.

Já entre as décadas de 70 e 80 há uma explosão da criatividade frente à literatura infantil/juvenil. Porém, apesar da criatividade, o sistema de ensino do país continua um verdadeiro caos e começa a necessitar de professores bem mais preparados para enfrentar as novas exigências do mercado. Exigências essas que estão voltadas principalmente para as transformações tecnológicas em virtude da presença dos computadores (que já era uma realidade) nas escolas. Nesse momento entramos na era do computador ou na era da informática.

Sendo assim, o que surge nesse momento é seguinte questionamento: Os computadores são ou não uma ameaça? Para neutralizar uma possível ameaça, seria imprescindível a descoberta de alguns métodos no sentido de estimular a criatividade das crianças e também dos jovens dessa época.

Diante do exposto, começou a sentir-se a necessidade de valorizar novamente os livros didáticos que foram deixados de lado. Assim sendo, a Lei de Diretrizes e Bases, reformulada em 1971, prenuncia a “importância da leitura de textos literários e da educação artística como matéria de currículo” (COELHO, 1985, p. 217).

Ainda durante as décadas de 70 e 80, Coelho (1985), vem enfatizar três tendências apresentadas pela literatura infantil, quais sejam: A realista, a fantasia e a híbrida.

A literatura realista tem por finalidade expressar o real, expressando o mundo cotidiano, preparando psicologicamente os pequenos leitores a fim de que eles saibam enfrentar os respectivos sofrimentos e também as dores consequentes da vida.

A literatura fantástica (se opondo à anterior) apresenta um mundo maravilhoso existente na imaginação; as fábulas e o mundo do “Era Uma Vez” ganham força e espaço.

Já a literatura híbrida é uma junção da literatura realista com a literatura fantástica, onde ela parte do real buscando introduzir nele o imaginário. Coelho (1985) salienta que esta seja, talvez, a mais fecunda das diretrizes inovadoras, uma vez que ela contempla o realismo mágico.

Naturalmente, a literatura não é estática e sofre mudanças com o passar dos tempos. Porém, o que se deve observar é que não podemos permitir que essas mudanças façam com que a literatura desapareça. A sociedade sempre vai estar em transformação, mas não podemos permitir que a tecnologia substitua o prazer de se deleitar na leitura de um bom livro, de termos a possibilidade de viajar pelo mundo do imaginário, da fantasia. Isso, certamente, tecnologia alguma pode substituir. No entanto, não podemos desconsiderar que o livro pode assumir outros formatos com o uso da tecnologia (e-books, por exemplo).

Assim sendo, a literatura vai se perpetuando ao longo dos tempos, quer seja através de livros ou computadores, ela se mantém viva e presente no cotidiano das pessoas e, também, claro, no seu imaginário.

Para se perpetuar, no entanto, a literatura utiliza-se de diferentes estratégias, entre elas, a contação de histórias. Especialmente na educação infantil, essa é uma prática que possibilita o deleite, o usufruto e o contato das crianças com o imaginário, o desconhecido, as fantasias e, dessa maneira, essa ação torna-se uma arte.

3.1 Contar histórias: uma arte

Quem não gosta de uma boa história? Contadas na escola ou em casa, desde muito cedo as crianças aprendem a gostar delas. Na educação infantil, a criança viaja através da imaginação pelo encanto e beleza dos contos. Eles adoram uma história bem contada. A contação de histórias é uma prática muito antiga, pode ter surgido a partir do momento em que o ser humano começou a sentir a necessidade de transmitir ao outro, seus costumes e crenças, conhecimentos e valores construídos através de suas experiências e aventuras vividas nas diferentes culturas.

Dessa maneira, o ato de contar histórias vem se perpetuando ao longo do tempo e está presente na sociedade atual com a principal função de repassar conhecimentos e valores para o desenvolvimento intelectual e emocional do ser humano.

Para as crianças, a contação de histórias infantis deve acontecer, pois, desde muito antes da incorporação no mundo escolar. A criança deve ter acesso ao texto de forma afetuosa, através da voz da mãe, ou do pai, dos avós, enfim, da família. A família possui um papel fundamental na educação dos pequenos desde muito cedo, cabe a ela dar estímulos à criança para que esta seja um leitor. Embora saibamos disso, a realidade das famílias é diversa, o que faz ser diverso também o acesso e usufruto da leitura para a criança.

Todos os principais exemplos de conduta que serão levados pela vida toda do pequenino, estão na família. Durante rápidos e decisivos anos, como em uma exposição de fatos, princípios, comportamentos, a criança irá carregar consigo. É neste ambiente propício para a construção da personalidade, que se marca indelevelmente, as vontades e os anseios, os desejos e as motivações. Por isso a importância da contação de histórias no universo familiar, devendo este desenvolver o gosto pela leitura de forma espontânea e afetiva.

É contando histórias, vendo e ouvindo as ações dos personagens, que suscita o imaginário, que encontra solução para as questões, é uma possibilidade de descobrir a imensidão do mundo, seus conflitos, os desvios que todos nós vivemos e atravessamos e quem sabe, encontrar um caminho para a solução dos possíveis impasses surgidos no cotidiano.

Ao contar uma história para a criança, o adulto proporciona a ela muita imaginação e permite também, que ela veja heróis e heroínas encarando obstáculos, e assim, criam-se condições para que vá aprendendo que é preciso enfrentar um problema e buscar sua própria solução, superando o medo. As diferenças que mostram os personagens bons e maus, feios e

bonitos, poderosos e fracos, facilitam a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou do convívio social.

Uma boa história é aquela que comove, emociona, que promove acima de tudo, a sensibilidade. Assim sendo, Abramovich (1995), nos diz que:

Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro (...) ela é o uso simples e harmônico da voz. (ABRAMOVICH, 1995, p. 18).

Os contos fazem parte do patrimônio cultural de toda a humanidade e representam a visão do mundo, as relações entre o homem e a natureza. Eles provocam precisamente o maravilhoso, os bons sentimentos e a solidariedade enfim, ajudam as crianças a desenvolverem os valores do cidadão.

Na instituição infantil, ao contar histórias para as crianças, o professor deve se familiarizar com a literatura para evitar uma leitura mal contada. Não conhecer o texto representa um despreparo do professor. Abramovich (1995), ainda ressalta que:

Pior ainda, ficar escandalizado com uma determinada fala, ou gaguejar ruborizado porque não esperava encontrar um palavrão, uma palavra desconhecida, uma gíria nova, uma expressão que o adulto- leitor não usa normalmente... Aí não há como segurar a sensação de ridículo e mal-estar, e tudo degringola, [...] (ABRAMOVICH, 1995, p. 20).

Não somente no terreno das palavras que o adulto deve ter precaução, mas também conhecer bem o conteúdo da história, pois esta, se não for bem contada, pode perder o seu encantamento e a oportunidade de formar bons leitores. Por isso, ler o livro antes, é de fundamental importância para quando chegar o momento de narrar a história, esta deve ser feita com emoção verdadeira para que o ouvinte, receba a narrativa com entusiasmo e prazer. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura (PCN – Língua Portuguesa, 1997).

Uma criança, ao ouvir uma história, tende a se identificar com os personagens nela existentes. Ao mesmo tempo, ela vai construindo seu conhecimento acerca da linguagem escrita. É por essa razão que o ato de ler é de extrema importância não apenas na escola, como também na família.

É na instituição de educação infantil, que o professor deve se preocupar em mostrar bons livros e contar boas histórias para suas crianças. A narração dos contos ensina a criança a pensar, a escutar e a imaginar. Como bem diz Abramovich (1995): “O ouvir histórias pode

estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o brincar, o ver o livro, o escrever (...). Afinal, tudo pode nascer de um texto!”(ABRAMOVICH, 1995, p.23).

Segundo a autora, a arte na vida das crianças pode nascer das narrativas simbólicas que elas escutam, pois estas fazem-nas pensar, estimulam a criatividade de uma maneira lúdica e, portanto, prazerosa. Felizmente, a literatura voltada para as crianças é uma literatura que emociona e proporciona prazer e muito divertimento, na medida que a criança é estimulada para tal. Coelho (1984) ressalta que:

A literatura é para divertir, dar prazer, emocionar [...] e que, ao mesmo tempo, ensina modos novos de ver o mundo, de viver, pensar, reagir, criar [...]. E principalmente se mostra consciente de que é pela invenção da linguagem que essa intencionalidade básica é atingida (COELHO, 1984, p. 27).

O período da criança pequena é da construção dos símbolos, do desenvolvimento da linguagem oral e da percepção que lhe permitirá estabelecer relações entre as imagens e as palavras.

Nesse sentido, a literatura infantil irá ajudar a criança pequena no seu processo de apreensão do mundo e no domínio da linguagem.

Cabe ao professor proporcionar várias atividades inovadoras, procurando conhecer o que mais interessa aos pequeninos, e a partir daí buscar um livro ou uma história que vá ao encontro das necessidades de cada um. É de incumbência também da instituição, refletir como está sendo conduzida a sua prática diante da leitura, buscando redirecionar sua postura que, dependendo de como for conduzida, transformará a criança num leitor ou o afastará de vez do contato com a leitura.

Na atualidade, podemos observar o crescimento qualitativo dos livros de literatura infantil. Esses livros se apresentam com uma imensa diversidade de textos que ajudam a prática educativa do professor, sendo instrumento fundamental para apoiar a atividade de contação de histórias. É fundamental que o professor se atualize e busque as melhores opções que venham a concordar com o gosto de suas crianças. Na sala de aula, ele é o mediador do contato da criança com o livro e com as histórias, por isso a importância dele se atualizar.

Dessa forma, é a voz do professor, sua habilidade ao contar, sua performance de contador que apresenta as histórias e com ela consegue desenvolver na criança a capacidade de ouvir. Ele deve ter uma preparação inicial no tocante ao ambiente, de modo que este se torne agradável, com espaço suficiente, bem ventilado, limpo e claro para que possa criar uma atmosfera de entusiasmo e prazer.

O professor também deve ser criativo ao contar uma história. Ele deve ser capaz de criar um clima de silêncio na turma, e consequentemente, de atenção e participação das crianças. Segundo Abramovich (1995), saber contar histórias, é saber transformar as palavras em realidade, ou seja, o professor deve acompanhar o ritmo da história através dos sons, usando gestos para transformar as ações, sussurrando quando a ação for lenta, ou mesmo usando as vozes dos animais quando a fala é deles. Enfim, cabe ao professor buscar meios para enriquecer a sua aula de leitura e ajudar na aprendizagem de suas crianças.

A contação de histórias é, indubitavelmente, um recurso de desenvolvimento da criança e da construção de sua autonomia, pois é ouvindo as histórias que a criança usa a imaginação para criar desenhos, aprender a encenar, a cantar, assim como uma variedade de aprendizagens que a conduzirá a atuar na sua realidade, além de colaborar com a construção do desejo da criança de ser um bom leitor quando se alfabetizar.

O trabalho com a literatura infantil é, portanto, de fundamental importância para o desenvolvimento intelectual e emocional da criança. A partir das histórias contadas, e da motivação do professor, a criança tem a oportunidade de exercitar a imaginação, criando imagens a partir do seu contexto social. O ambiente narrado na história, as cores, os objetos, os sons, os personagens... Todos esses elementos ganham proximidade com os fatos vivenciados ou imaginados no cotidiano das crianças.

O ato de contar e de ouvir histórias, quase sempre está presente nas nossas vidas através das experiências concretas, nas quais estamos inseridos, ou mesmo daquelas que ouvimos os outros contarem. Temos sempre a necessidade de contar um conto, algo que sonhamos, que pensamos, que sentimos, ou mesmo que vemos. Todos temos algo a contar.

O professor pode ser um ótimo contador de histórias e, ao fazê-lo, ele deve vivê-las, contando-as da melhor maneira possível, ele deve incorporar os personagens como se fosse um verdadeiro ator, de modo que as crianças compreendam. O educador, antes de tudo, deve gostar de ler, deve ser conhecedor da literatura. É importante que o mesmo crie uma intimidade com a história que irá contar e procure fazê-lo com a alma. Conforme ressalta Lajolo (1984):

Minha proposta é que as discussões sobre a leitura, principalmente sobre a leitura numa sociedade que pretende democratizar-se, comecem por postular que os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação na leitura devem ser bons leitores. Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa ter paixão por certos livros e autores, ódio forte de outros. (LAJOLO 1984, p.4).

Na atualidade, o mundo sofre cada vez mais a competitividade dos meios de comunicação de massa. É nesse contexto que o professor deve ser dinâmico e criativo com a finalidade de se valer de meios para incentivar o pequenino a consultar a obra literária. Incentivar a criança a folhear um livro, pode transformar os hábitos e as atitudes dos pequenos, tornando-os leitores ativos, seres que possam ver o mundo numa perspectiva diferente e que se transformem em sujeitos conscientes.

É preciso que o educador perceba que, ao ter como objetivo principal formar um leitor ativo, considere que conhecimentos irão ser internalizados e que poderão ser desenvolvidos por meio da leitura que está sendo compartilhada naquele momento. Ao ler, comentar e conversar sobre os personagens da história, a leitura, seus problemas e seus êxitos, dará à criança a compreensão e interpretação colocados pelo texto, e conforme a necessidade dos leitores e a sua realidade, esses procedimentos vão sendo exercitados.

Dessa feita, o educador pode atuar como um interlocutor privilegiado, um parceiro mais próximo, um aprendiz na caminhada, um mediador. Mas não como meramente um transmissor de um bem previamente estabelecido, como o dono do saber, como aquele que detém a leitura correta, como o único que sabe ler. O professor é um guia que apenas estimula, orienta, apoia e facilita a interação da criança com o livro e, conseqüentemente, com a leitura. Ele poderá ajudar na superação dos obstáculos que, muitas vezes, desencorajam o leitor iniciante, podendo desviá-lo para um ciclo de fracassos sucessivos que, certamente, o condenará ao insucesso.

Esse é o grande desafio do educador, esse é o seu papel, contribuir para que o futuro leitor não veja a leitura como uma tarefa desagradável, mas contribuir para a construção de leitores prazerosos, seguros, confiantes, competentes e autônomos. Dessa maneira, irá colaborar para a democratização do acesso a um dos instrumentos essenciais para o exercício da cidadania.

O professor da educação infantil pode ser o incentivador do ato de ler de tal forma, que contribua para a eliminação do risco da alienação dos futuros leitores no que diz respeito a falta de desejo de ler. Os educadores acabam constituindo o elo na longa e inevitável cadeia de mediadores que se interpõem entre leitor e significado do texto. E como bem diz Lajolo (2002):

O que se reserva aos professores de hoje, a partir inclusive de sua formação profissional, é a divulgação de livros, a decifração de significados, a intermediação e o patrocínio do consumo de textos impressos. E só muito incidentalmente, e como que por acréscimo, a iniciação de jovens na leitura, talvez porque, em nossa tradição

cultural brasileira, a leitura, como prática coletiva, só exista muito esgarçadamente. (LAJOLO 2002, p. 105).

Alguns gêneros literários são bastante utilizados pelos professores como estratégias nas salas de referência na educação infantil. Esses recursos quando bem usados, podem proporcionar a criança um momento agradável e promissor. A seguir, apresentamos alguns gêneros que geralmente são utilizados pelos professores na educação infantil.

4 GÊNEROS LITERÁRIOS

4.1 A Poesia

O gênero poético possui um aspecto diferente dos demais gêneros literários. Sua brevidade, aliada ao potencial simbólico apresentado, transforma a poesia em uma atraente e lúdica forma de contato com o texto literário. Ela é divertida de ler e ouvir. Sua sonoridade faz com que a criança aprenda brincando.

Há poetas que gostam de brincar com as palavras, se aproximando bastante do universo infantil, cativando as crianças e também os adultos para esse tipo de gênero da literatura. Os sons, o ludismo sonoro e semântico, o jogo das rimas, do humor, da graça, todos esses elementos têm a finalidade de buscar a atenção do leitor de uma forma lúdica e agradável. É o caso do poema “Jogo de Bola” de Cecília Meireles, que torna o som palpável através das vogais, solicitando do leitor uma sintonização auditiva:

“JOGO DE BOLA”
A bela bola
rola:
a bela bola do Raul.
Bola amarela,
a da Arabela.
A do Raul,
azul.
Rola a amarela
e pula a azul.
A bola é mole,
é mole e rola.
A bola é bela,
é bela e pula.
É bela, rola e pula,
é mole, amarela, azul.
A de Raul é de Arabela,
e a de Arabela é de Raul.¹

A poesia lida com toda uma ludicidade verbal, sonora e gestual acaba levando para a sala muito divertimento, fazendo com que a criança aspire ter outros momentos de brincar com o texto, de jogar com as rimas, com o som das palavras.

¹ Em: “Ou isto o aquilo”, de Cecília Meireles, Editora Nova Fronteira, p. 13.

Como recursos para despertar o interesse do pequeno ouvinte, os autores utilizam-se de rimas bem simples com palavras do cotidiano infantil, com um ritmo que apresenta certa musicalidade ao texto, usando a repetição, para fixação das ideias.

4.2 O conto de fadas

Os contos de fadas são considerados clássicos da literatura mundial. Possuem origem em tempos passados e nem sempre se apresentaram como os conhecemos hoje. A moral e o simbolismo dessas narrativas foram coletados e compilados pelos irmãos Grimm no início do século XIX. Numa época sem rádio, televisão e computador, quando mesmo a escrita era um luxo para poucos, os hoje chamados contos de fadas eram passados de geração para geração, para serem contados em família, à noite, junto ao fogo.

Com o passar do tempo, os Grimm foram adaptando e diminuindo os enredos controversos e polêmicos, que envolviam os contos e adaptando-os ao público infantil. De acordo com Menéres (2003, p. 2):

Os contos de fadas garantem à criança que as dificuldades podem ser vencidas, as florestas atravessadas, os caminhos de espinhos desbravados e os perigos mudados, por mais pequeno e insignificante que seja quem pretende vencer na vida. E a criança, desprotegida por natureza, sente que também ela pode ser capaz de vencer os seus secretos medos, as suas evidentes ignorâncias.

Assim, a criança aprende a aceitar melhor as pequeninas decepções do seu dia-a-dia, pois sabe que, igual ao que acontece nos contos, os seus esforços por se tornar melhor serão compensados com a desejada recompensa.

Segundo Lopes (2010), os contos possuem uma importante contribuição na vida social, pois eles lidam com elementos da sabedoria popular, assim como com conteúdos essenciais da condição humana. Neles encontramos o amor, os medos, as dificuldades de ser criança, as carências (materiais e afetivas), as descobertas, as perdas, as buscas, a solidão e o encanto. O enredo básico dos contos de fadas expressa os obstáculos, ou provas, que precisam ser vencidos.

4.3 A Fábula

A fábula é uma narrativa de uma situação vivida por animais e outros seres fantásticos que tomam a perspectiva humana sobre a vida, mas em um mundo fantástico e

irreal. Referenciando uma situação humana, a fábula tem por objetivo transmitir uma lição ou ensinamento. São pequenas histórias, bastante simples, sempre com diálogos curtos e diretos, as fábulas facilitam muito a compreensão, por isso elas são excelentes estratégias para a aula de leitura entre as crianças da educação infantil. É por isso que as fábulas, por mais fora de moda que possam parecer, não perdem espaço na literatura, pois proporcionam uma reflexão dos leitores sobre seus próprios comportamentos e sentimentos.

Sua principal característica é sempre trazer consigo uma moral da história, ou seja, um ensinamento ao leitor sobre o comportamento humano, com um objetivo claro de lhe servir como um alerta. A moral da fábula, sempre busca a transmissão dos valores ideológicos sociais.

A proposta principal da fábula é a fusão de dois elementos: o lúdico e o pedagógico. As histórias, ao mesmo tempo que distraem o leitor, apresentam as virtudes e os defeitos humanos através de animais.

4.4 A Crônica

A origem da palavra crônica vem do vocábulo grego *chronikós*, que quer dizer "tempo", ou seja, a crônica é um gênero textual onde a questão temporal é necessária.

Presentes em jornais, revistas e livros, as crônicas expõem nos seus fatos a realidade do cotidiano, com uma linguagem modesta e temas mais simples, geralmente relacionados ao passado e à infância. Portilho (2013) usa a palavra “miniloquente” ao se referir ao gênero, pois segundo ela, a crônica possui uma “linguagem suave, não impositiva e mais prosaica – em contraposição à eloquência dos grandes clássicos literários”.

Por este motivo, a crônica se torna uma leitura agradável, pois o leitor interage com o autor e com os acontecimentos e por muitas vezes se identifica com as ações tomadas pelas personagens. Como se estivessem em uma conversa informal, o cronista tende a dialogar sobre fatos até mesmo íntimos com o leitor. Vilarinho (2016), afirma que:

O texto é curto e de linguagem simples, o que o torna ainda mais próximo de todo tipo de leitor e de praticamente todas as faixas etárias. A sátira, a ironia, o uso da linguagem coloquial demonstrada na fala das personagens, a exposição dos sentimentos e a reflexão sobre o que se passa estão presentes nas crônicas. (VILARINHO, 2016).

As principais características da crônica são:

- a) Narração curta;
- b) Descreve fatos da vida cotidiana;
- c) Pode ter caráter humorístico, crítico, satírico e/ou irônico;
- d) Possui personagens comuns;
- e) Segue um tempo cronológico determinado;
- f) Uso da oralidade na escrita e do coloquialismo na fala das personagens;
- g) Linguagem simples.

Algumas crônicas podem ter diferentes classificações, como por exemplo: a **lírica**, em que o autor relata com nostalgia e sentimentalismo; a **humorística**, em que o autor faz graça com o cotidiano; a **crônico-ensaio**, em que o cronista, ironicamente, tece uma crítica ao que acontece nas relações sociais e de poder; a **filosófica**, reflexão a partir de um fato ou evento; e a **jornalística**, que apresenta aspectos particulares de notícias ou fatos, pode ser policial, esportiva, política, etc.

O Brasil é um país privilegiado por ter tantos escritores que se destacam neste tipo de narrativa. São eles: Fernando Sabino, Rubem Braga, Luis Fernando Veríssimo, Carlos Heitor Cony, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Ernesto Baggio, Lygia Fagundes Telles, Machado de Assis, Moacyr Scliar, Pedro Bial, Arnaldo Jabor, Millôr Fernandes, dentre outros.

Apesar de a crônica ter linguagem simples, algumas devem ser avaliadas pelo professor da educação infantil no intuito de serem utilizadas com uma linguagem adequada à faixa etária da criança, assim como com sua necessidade.

Como vimos acima, a crônica fala de acontecimentos cotidianos em uma linguagem de fácil compreensão, usando o coloquialismo em suas narrativas, proporcionando ao leitor uma interação mais aproximada com o texto.

No entanto, uma história não pode ser contada de qualquer maneira. Assim sendo, veremos a seguir, alguns segredos e técnicas que podem ser usados na hora de contarmos uma boa história.

4.5 Segredos e técnicas na arte de contar histórias

O sucesso de uma narrativa depende de vários fatores que se interligam, sendo fundamental a elaboração de um planejamento, no sentido de organizar o desempenho do

narrador, garantindo-lhe segurança e assegurando-lhe naturalidade. Um outro fator importante é que o contador evite as grandes descrições detalhadas demais, pois estas só interessam aos maiores que sabem ler. A criança que ouve deve ser deixada para imaginar. Para ela o importante são as ações dos personagens e os acontecimentos da história.

Abramovich (1995), afirma que uma história bem contada também apresenta modalidades e possibilidades da voz: sussurrar quando um personagem fala baixinho, como também levantar a voz quando há uma algazarra da história, pois a leitura expressiva, em voz alta, envolve numa dimensão ampla do corpo e do interior, ou falar mansinho quando a ação é calma, usar humoradamente as onomatopeias quando é requerido. Fazer uma longa pausa quando se introduz a palavra “então” para que haja tempo da criança imaginar as muitas coisas que estarão para acontecer em seguida, sem pressa, respeitando o tempo que cada narrativa exige.

A leitura não deve ser encerrada no momento em que se conclui a aula, o professor pode usar estímulos de maneira que o aprendizado se expanda num processo de compreensão, de maneira que invada a vida e o convívio com o outro. Dessa maneira, Resende diz:

Por isso, ler supõe um olhar de reconhecimento, mas não só sobre letras e sons. É prestar atenção para entender, captar, desvelar-se; é ouvir e silenciar-se, quando no interior ficam guardados os sentidos recolhidos; é imaginar, indo além do que os olhos alcançam e do que os limites reais oferecem; é entrar nas coisas, colocar-se nelas e sentir-se enriquecido nessa relação. (RESENDE, 1993, p.15).

As crianças, certamente, guardarão no seu imaginário, as melhores imagens de uma boa história contada, seja do pai ou da mãe nas noites de lua, seja do professor nas rodas de conversa. De qualquer forma, essas imagens serão guardadas nas suas memórias e, de alguma forma, irão ajudar a interagir com as suas futuras experiências de vida.

Contar uma história é muito mais do que só ler, é conhecer a beleza e a profundidade que existem nas ideias e sobretudo, na linguagem, que é uma maneira de conhecer e perceber o mundo. Tendo em vista que o professor é o agente mediador dessa ação humanizadora, é essencial que se busque alternativas que possam ajudar suas crianças a sentirem o gosto pela leitura, tirando-os da passividade e estimulando-os à participação.

Se a criança interage, isso irá levá-la com certeza, ao crescimento. A literatura infantil na instituição infantil pode propiciar uma educação que forme a consciência, que aprimore a percepção humana para que, nas suas relações com o mundo, a criança busque se sintonizar de uma forma harmônica e equilibrada.

Cada obra escolhida pode possibilitar muitas maneiras criativas que o professor deve se valer para levar o pequenino para o universo da leitura. Resende (1993), afirma que, para que o educador desperte o interesse, a curiosidade, a fantasia, a vontade de ouvir, ele pode tirar aspectos provocadores do próprio livro, seja de algumas passagens ou da ilustração da própria capa ou de algumas do interior que chamou a atenção de alguma criança, de uma personagem, ou mesmo do título da obra para criar atitudes metodológicas que irão ajudar as crianças a se sensibilizarem com a leitura.

Resende (1993), ainda diz que do ponto de vista didático, existem vários aspectos que um educador pode buscar a fim de ser um bom mediador entre o livro e as crianças. Um desses aspectos é que o professor deve ser atento e bem informado para que sugira livros interessantes como também edições atuais. Os pequenos, nessa época de grandes transformações, muitas vezes, trazem para a sala de aula os acontecimentos de seu meio social, daí a importância de um professor que seja conhecedor dos fatos e trazer para as crianças também, uma obra atual.

Outro aspecto, segundo a autora acima, é a animação e o afeto do professor. Como conduzir uma aula de leitura eficaz sem entusiasmo? Com certeza, a reação da turma à falta de vontade será uma aula sem objetivo e monótona. Esses elementos são muito importantes e decisivos para aguçar nas crianças o desejo pela leitura.

O professor também não deve utilizar orientações padronizadas de leitura, ele precisa estar atento para o gosto dos pequeninos por determinados tipos de leituras e introduzir de maneira criativa para cada momento, situação e para cada faixa de idade, as obras que interessam as crianças, pois segundo Lajolo e Zilberman (1991), o público infantil pode recusar a obra escolhida para ele, por ser inacessível ou desinteressante, obrigando assim o professor a buscar nova estratégia de atividade de imediato. Caso contrário, a falta de atenção e interesse das crianças provocará um grande tumulto nas salas.

O professor que leva experiências de leitura para suas crianças, deve ter condições de sugerir e não impor; de avaliar e não coagir com medidas quantitativas e ameaças de qualquer ordem. Ele deve conversar sobre os gostos, preferências, expectativas e interesses das suas crianças. Pois “ler é para a vida, não simplesmente para a escola. É para dar bem-estar à totalidade do indivíduo e propiciar-lhe acréscimos significativos interiormente” (RESENDE, 1993, p.166).

Resende (1993), ainda afirma que o professor deve sempre ficar atento para perceber as diferenças de cada criança, pois o grau de maturidade intelectual e psicológica, determinam interesses e tendências específicos. A capacidade de assimilar um texto, dependerá do

cognitivo de cada criança em suas diferenças. O texto deve ser acessível à percepção dela para que este seja receptivo com a leitura. É totalmente sem propósito, oferecer livros de textos longos e sem nenhuma ilustração às crianças pequenas.

Portanto, é através da importância da literatura que muito cedo, ainda na infância, a criança desenvolve sua aprendizagem em vários outros tipos de linguagens importantes, como cinema, música, quadrinhos, artes plásticas, propaganda, entre outras. E, todo e qualquer professor deve partir da literatura para enriquecer e ampliar o conhecimento das crianças.

Enfim, como bem diz Resende (1993):

A linguagem literária é linguagem de arte, trazendo afinidades estéticas com qualquer produto de criação. Por isso, privilegiar a convivência exclusiva com ela, isolando-a de outras formas de comunicação artística, seria uma atitude restritiva, que fecha limites e provoca o seccionamento de planos. A educação estética deve integrar perspectivas que levem ao mesmo fim: o aprimoramento dos sentidos, da sensibilidade e do senso crítico (RESENDE, 1993, p. 30).

Assim sendo, no intuito de verificar a existência de tais linguagens na educação infantil, apresentamos, a seguir, o percurso utilizado para a realização desse trabalho.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia utilizada para a realização do estudo pauta-se pela abordagem qualitativa de pesquisa, pois é um estudo que requer investigação e análise de dados. Como menciona Richardson (1999, p. 80), “[...] os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais.”

Para este estudo, adotamos o questionário como instrumento para coleta dos dados. No que tange ao questionário, sua utilização contribuiu para a análise dos resultados da pesquisa, pois segundo Gil (1999, p. 128), pode ser definido “ [...] como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

Para efeitos deste estudo, foram realizadas entrevistas com cinco (5) docentes da Educação Infantil, de uma escola de Educação Básica do município de João Pessoa - PB, no turno da manhã do período de 2015/2, que possibilitou investigar como se realiza na prática pedagógica das docentes, o uso da literatura infantil e a contação de histórias. Desse modo, obtivemos dados e informações que contribuíram de maneira significativa para percebermos as práticas educativas desenvolvidas pelas professoras.

Para obtermos as informações, as questões apresentadas no questionário utilizado para coleta dos dados das docentes, foram direcionadas para a utilização da literatura infantil nas suas práticas nas salas de referência.

No questionário foram abordadas cinco (5) questões abertas e uma (1) objetiva. No que compete às questões abertas, destinadas às docentes, apresentam indagações de que modo as docentes compreendiam a leitura na sala de aula, a metodologia aplicada nas aulas referente ao uso da literatura infantil, se lê histórias para as crianças e com que frequência, se realiza atividades relacionadas à leitura proposta, como compreendem a literatura infantil e de que forma a mesma contribui para o processo de desenvolvimento das crianças na educação infantil. Com relação à questão objetiva, foi requerido que as docentes marcassem, em grau de importância, quais gêneros literários eram empregados na sua prática, os quais destacamos: poesia, crônica, conto e fábula.

O questionário, (APÊNDICE), foi aplicado no mês de março de 2016. Para a resolução das perguntas, percebemos que as docentes não dispunham de tempo necessário,

apresentando certa dificuldade, visto que o tempo para resolução das perguntas conciliava com outras atividades profissionais. Sendo assim, sugerimos que as mesmas o levassem para sua residência, que posteriormente recolheríamos.

Para realizar as análises das questões apontadas pelas docentes, primeiramente foi realizado a transcrição das respostas na íntegra, posteriormente, a categorização de cada resposta, e por fim a filtragem das mesmas, verificando as compatibilidades nas respostas, para que assim fosse possível realizar as análises. Para isso nos embasamos nos autores, Abramovich, Pinheiro, Cavalcanti, entre outros.

6 RESULTADOS

Ao realizarmos a análise dos dados coletados na pesquisa, pretendemos preservar a identidade das professoras participantes, portanto, as mesmas serão denominadas de "A", "B", "C", "D" e "E".

Desse modo, nossa intenção foi averiguar como elas compreendem a leitura na educação infantil, se elas contam/leem histórias para as crianças e com que frequência, se elas utilizam atividades relacionadas às leituras feitas, pedimos, ainda, para que elas marcassem, em ordem de prioridade, os gêneros literários usados em sala de aula e, finalmente, a opinião delas acerca da contribuição da literatura infantil no processo de desenvolvimento das crianças.

Feitas essas ressalvas, serão apresentados os dados coletados atinentes às professoras, que serão demonstrados por questão de acordo com a sequência em que foi apresentado às docentes.

Assim sendo, primeira questão apresentada às professoras diz respeito à compreensão das mesmas acerca da leitura na educação infantil. As professoras assim se posicionaram:

- A. *“Como uma contribuição importante para a criatividade, imaginação, reconhecimento e o despertar”.*
- B. *“É compreendida de forma bem importante onde se inicia tudo, pois é através dela que a criança vai se desenvolvendo e formando suas ideias”.*
- C. *“A leitura na Educação Infantil é compreendida como uma leitura de mundo, através de gravuras e rótulos onde os mesmos aprendem”.*
- D. *“É de grande importância pois faz com que a criança desperte o interesse pela leitura”.*
- E. *“A leitura é um momento lúdico que podem envolver fantasias. É assim que a leitura pode fazer parte da vida da criança”.*

Partindo das respostas dadas pelas professoras, percebe-se que, de maneira unânime, elas consideram a leitura na educação infantil uma ferramenta essencial e que seu uso contribui frente à imaginação, formação de ideias, interesse pela leitura e, ainda, na ludicidade.

Dessa maneira, as professoras “A” e “B” veem o uso da leitura como um apoio

sólido diante da aprendizagem e que seu uso pleno trabalha importantes áreas do cognitivo das crianças. Com isso, Cavalcanti afirma que:

A Literatura pode ser para a criança o espaço fantástico para a expansão do seu ser, exercício pleno da sua capacidade simbólica, visto trabalhar diretamente com elementos do imaginário, do maravilhoso e do poético. Amplia o universo mágico, transreal da criança para que esta se torne adulto mais criativo, integrado e feliz. (CAVALCANTI, 2002, p. 39).

Nesse sentido, a autora afirma que o uso da literatura não apenas influencia na vida das crianças, mas que essa também tem o poder de modificá-la na idade adulta. Dessa maneira, naturalmente, evidencia-se os mais variados benefícios que seu uso pode provocar na vida de qualquer ser humano.

Para a professora “C”, por conseguinte, o uso de gravuras auxilia no aprendizado das crianças. Acerca disso, Faria (2012, p. 39) afirma que “[...] Nos bons livros infantis ilustrados, o texto e a imagem se articulam de tal modo que ambos concorrem para a boa compreensão da narrativa”. É neste sentido que o professor pode utilizar não apenas o texto escrito, mas o “casamento” entre o texto e as ilustrações como ferramenta auxiliar diante do aprendizado.

Frente à citação acima, observa-se que a imagem possui a sua especificidade e, por essa razão, faz-se necessário que as professoras tenham esse entendimento para que possam utilizá-la de maneira adequada, com o objetivo de proporcionar a real função de que seu uso pode trazer para a aprendizagem.

Já de acordo com a resposta da professora “D”, observa-se que a mesma aponta que o uso da leitura na educação infantil é importante uma vez que faz com que a criança desperte o interesse por ela.

Sem dúvida, uma criança que possui o interesse pela leitura, aos poucos desenvolverá o hábito de ler e, conseqüentemente, se tornará um leitor. E essa é uma das tarefas primordiais da escola, como afirma Cavalcanti (2002, p. 78) “[...] Claro, a escola é campo fértil para se produzir leitura, aliás ela deve ser o espaço para o desenvolvimento das potencialidades, no que se inclui o tornar-se leitor”.

Segundo a autora, a escola possui a tarefa de fazer com que a criança desenvolva o interesse pela leitura. Para ela, é a escola o local mais adequado para isso.

Embora a família também desempenhe um papel fundamental diante do desenvolvimento do interesse em ler, é na escola, diante dos livros, professores e outras crianças que esta tem a possibilidade de, realmente, ver-se perante o universo da educação.

De acordo com os relatos apresentados pela professora “E”, nota-se que a mesma

associa a leitura à ludicidade e, conseqüentemente, às fantasias. Sobre isso, Cavalcanti ainda nos diz que a literatura infantil tem a força de nos apresentar a outro mundo e, conclui afirmando que:

Abre o horizonte ao desafio de ir para além do real, até ao castelo encantado onde habitam os seres mais incríveis que se queiram criar. Ao ouvir ou ler uma história, a criança vai dando corpo à fantasia, criando imagens que não têm forçosamente de ser iguais às do colega. E porque é que ela não pode inventar um mar cor-de-rosa ou uma cegonha velha e cansada transportando dois bebês? (CAVALCANTI, 2002, p. 9).

A autora destaca, portanto, uma importante função da literatura que é mostrar à criança um mundo que, se instigado, pode existir muito próximo a ela: O da fantasia.

O adulto deve manter essa capacidade de fantasiar as coisas que as crianças possuem. Muitas vezes, eles têm a tendência de impor a elas sua visão de mundo, esquecendo que elas possuem sua própria forma de enxergar as coisas. É importante, também, que a pessoa adulta entenda a importância de respeitar o tempo da criança e que isso contribui significativamente para seu aprendizado.

Questionadas sobre se contam ou lêem histórias para suas crianças e em que frequência, as docentes responderam:

- A. *“Todos os dias”.*
- B. *“Sim, três vezes por semana”.*
- C. *“Sempre faço esse trabalho de histórias para as crianças”.*
- D. *“Sim. Duas vezes por semana”.*
- E. *“Conto sim, toda semana especialmente na segunda-feira”.*

De acordo com as respostas acima apresentadas, podemos ver a frequência com que as professoras “A”, “B”, “C”, “D” e “E” contam histórias para as crianças. De modo geral, percebe-se que todas leem para as crianças, algumas com mais e outras com menos frequência, demonstrando, dessa maneira, que elas consideram a leitura para as crianças um fator importante diante de seu aprendizado.

A escola é o ambiente no qual as crianças têm mais possibilidades de ter acesso à leitura e aos livros. Assim sendo, Silveira (2012), afirma que:

A sala de aula é o lugar de estabelecimento do hábito de ler. Para isso, essas ações devem estar no centro dos objetivos de ensino, considerando-se a importância da leitura na formação da criança. Gostar de ler constitui o fator motivador para uma aprendizagem mais eficiente (SILVEIRA, 2012, p. 156).

Para a autora, portanto, o incentivo à leitura e o seu hábito deve ser prioridade na escola diante de sua importância para a criança. A autora ressalta, ainda, que a leitura contribui para um aprendizado eficaz.

Fazer leituras para as crianças, especialmente de textos que prendam sua atenção e que sejam de seu interesse, é essencial para trabalhar a atenção delas, sua capacidade de concentração e é uma maneira bem interessante de “transportá-las” para um mundo mágico, diferente daquilo que elas vivenciam, através das histórias.

É, portanto, um momento mágico e único de interação entre o professor, as crianças e seus colegas de classe.

A questão seguinte apresentada às professoras dizia respeito às atividades realizadas após as leituras/contação de histórias. Elas assim responderam:

- A. *“Sempre – Com brincadeiras/usando as gravuras para recriar uma nova história e outras, como o desenho livre por exemplo”.*
- B. *“Sim, em forma de painéis, fantoches, com aventais e através de histórias contadas”.*
- C. *“Através de atividades lúdicas, jogos, histórias contadas entre outras”.*
- D. *“Sim. Colagem, pintura e fantoche”.*
- E. *“Realizo sim, fazendo dramatizações, pinturas, colagem, tudo relacionado à história da semana e ainda mando para casa uma história para que os pais contem aos seus filhos, que chama (Leia Comigo) – Projeto”.*

Diante das respostas das professoras, podemos observar que todas fazem atividades relacionadas às leituras feitas. A professora “A”, por exemplo, faz as atividades usando gravuras, fazendo uso de textos não verbais. Acerca do uso desses textos em sala de aula, Silveira explica que:

Esses textos incentivam as crianças a falarem sobre como compreendem a imagem em questão, o que se caracteriza como forma de ampliar as possibilidades de leitura. No livro infantil, a ilustração é um texto específico, que interage com o texto escrito, amplia os seus significados e, conseqüentemente, os da leitura. (SILVEIRA, 2012, p, 178).

Para a autora, o uso de gravuras possui várias funções pedagógicas. Ainda segundo ela, a ilustração associada ao texto escrito, desempenham um papel essencial diante da leitura.

Naturalmente, é notório que um livro que contenha histórias ricas em ilustrações será bem mais atrativo para as crianças, uma vez que chamará bem mais sua atenção e, dessa maneira, facilitará seu aprendizado.

Enquanto isso, as professoras “B”, “D” e “E”, por sua vez, declararam que são diversas as atividades feitas com relação às leituras. Elas citam o uso de fantoches, pintura e também dramatizações.

Tais atividades devem sempre estar no cotidiano das crianças, uma vez que elas possuem relevância importante no intuito de conseguir resultados satisfatórios diante do que foi planejado pelas professoras. Assim sendo:

A Literatura como toda forma de pensamento, de arte, de expressão tem uma energia própria; essa energia emana e pulsa por meio da palavra, que, antes de ser uma palavra qualquer, é a expressão máxima da capacidade de representação, metáfora da vida e do homem que se constitui na relação autor texto leitor (CAVALCANTI, 2002, p. 41).

Para a autora, a palavra por intermédio da arte e do pensamento, possui a grandeza de unir, de forma simbólica, o autor, sua obra e o leitor. E, essa junção, por sua vez, facilita a compreensão do texto e, por consequência, o aprendizado eficaz.

Já a professora “C” compreende a importância de atividades lúdicas e o uso dos jogos. Desta feita, a autora Cavalcanti (2002, p. 44) ainda nos diz que “[...] Os jogos realizados durante a leitura/escuta das histórias maravilhosas arremessam-nos para a projeção, introjeção e identificação, operando em nós imagens de diversas naturezas”.

Neste sentido, percebe-se a especificidade dos jogos e a importância de que o professor os utilize em sala de aula, sempre com o objetivo de proporcionar a real função de que os jogos veem trazendo para a aprendizagem.

Diante de todo o exposto, nota-se que as atividades realizadas pelas professoras quanto às leituras feitas são as mais variadas. Cada uma dentro das suas possibilidades, mas sempre na intenção de resgatar, seja de que forma for, a história contada.

Sobre o uso dos gêneros literários (conto, poesia, crônica e fábula foram as opções dadas) usados nas salas de referência, a professora “A”, considerou o conto como segundo (2) em grau de importância. Já as professoras “B”, “C”, “D” e “E”, consideraram o conto como o mais importante e marcaram o número um (1). Nessa segunda consideração, percebe-se a importância que as docentes deram ao conto, dando grande ênfase à sua utilização em suas práticas. Diante disso, Cavalcanti (2002) fala que:

O estudo da importância dos contos de fadas para a formação da criança leitora é fundamental para que se chegue às outras questões pertencentes ao antológico. Pois o universo dos contos de fadas, das narrativas que falam da origem do mundo e das lutas eternas entre o bem e o mal é o mesmo que fala do infinito mundo interior realizado em cada um de nós, tanto nas individualidades e características que identificam cada sujeito na sua singularidade, como também dentro dos estados e sentimentos que universalizam a experiência humana (CAVALCANTI, 2002. p. 41).

Portanto, o conto de fadas com suas histórias que encantam, é um grande aliado ao desenvolvimento do aprendizado das crianças. E é fundamental que as professoras façam bom uso do conto buscando espaço nas salas de referência para a leitura e estudo desse gênero, já que o conto é uma possibilidade de a criança encontrar outras ideias, de descobrir seus conflitos interiores se identificando com os personagens e indo de encontro com a solução de todos esses impasses. Conforme Jezine (2009, p. 237):

Mas, para enriquecer sua vida, deve estimular sua imaginação, ajudando-a em seu universo afetivo, auxiliando-a a reconhecer, mesmo de forma inconsciente, alguns de seus problemas e oferecendo-lhe perspectivas de soluções, mesmo que provisórias.

A leitura do conto de fadas pode ampliar o universo interior, tocando com profundidade nas lutas interiorizadas geradas no complexo conjunto dos sentimentos humanos, e sem perceber isso, os pequenos aprendem a buscar a solução para superação dos seus próprios problemas.

Sendo assim, os contos podem nos falar muito aproximado dos nossos sentimentos e desejos mais secretos guardados dentro de cada um de nós. E a criança apesar de não compreender com exatidão o sentido da história, entende que o personagem ultrapassa vários problemas até chegar a um final feliz e, portanto, ela precisa fazer o mesmo.

Vale ressaltar que as histórias dos contos não irão abranger toda a complexidade que é a subjetividade de cada ser, mas pode ser essencial na busca de melhores resultados, e poder assim, criar novas perspectivas de valores sociais.

No quesito poesia, as professoras “A”, “C” e “E”, concordam que o gênero poético seja o menos importante de trabalhar em sala de aula, classificando-o como quatro (4) em grau de importância.

Já as professoras “B” e “D”, discordam das professoras “A”, “C” e “E”, considerando a poesia como grau três (3) em importância.

De acordo com o exposto, pode-se observar nas respostas das docentes, que o gênero poético é pouco utilizado na prática da sala de aula. Falando sobre essa questão, Pinheiro (2000, p. 15) afirma que “[...] de todos os gêneros literários, provavelmente, é a poesia o

menos prestigiado no fazer pedagógico da sala de aula”. Portanto, há uma grande carência de leituras de poesia na escola.

A verdade é que os professores se sentem despreparados para trabalharem com a poesia em sala de aula. Alguns professores consideram que a poesia é perda de tempo, algo banal e que em nada contribui com sua prática. Segundo Pinheiro (2002), os professores reclamam que os textos poéticos são difíceis de serem compreendidos e a sua linguagem possui um caráter às vezes, muito técnico.

Discordando com as docentes, Pinheiro (2002, p. 18), afirma que “vale a pena trabalhar a poesia na sala de aula. Mas não qualquer poesia, nem de qualquer modo”.

Assim sendo, o professor necessita ser um leitor de poesia, ele precisa gostar de poesia para poder incitar a criança para a leitura. Ele necessita ter um bom critério na escolha do material a ser utilizado na escola.

Com relação a crônica, as professoras “A”, “C” e “E”, concordaram em entre si em suas respostas e assinalaram para crônica o número três (3) em questão de importância.

Mas as professoras “B” e “D” enumeraram a crônica como última em importância para a prática da sala de aula e, portanto, para as aulas de leitura.

Podemos perceber, assim como ocorre com a poesia, que as docentes consideraram a crônica pouco relevante para a construção do processo educativo das crianças.

Para Vilarinho (2016), a crônica possui uma linguagem simples, curta e acessível à todas as idades, assim, quem “[...] não gosta ou sente dificuldades de ler, a crônica é uma dica interessante, pois possui todos os requisitos necessários para tornar a leitura um hábito agradável! ”.

Dessa forma, sendo a crônica uma narrativa de linguagem simples de acontecimentos cotidianos, com uso da oralidade em alguns textos, assim como o coloquialismo na fala dos personagens, a sua leitura se torna agradável e o leitor interage com os acontecimentos e por muitas vezes se identifica com as ações tomadas pelas personagens.

Concordando com Vilarinho (2016), Abramovich (1995) fala que qualquer história pode ser contada para as crianças, desde que seja bem conhecida do contador e que dê espaço para alguma discussão.

Claro que se pode contar qualquer história à criança: comprida, curta, de muito antigamente ou dos dias de hoje, contos de fadas, de fantasmas, realistas, lendas, histórias em forma de poesia ou de prosa [...] Qualquer uma, desde que ela seja bem conhecida do contador, escolhida porque a ache particularmente bela ou boa, porque tenha uma boa trama, porque seja divertida ou inesperada ou porque dê margem pra alguma discussão que pretende que aconteça, ou porque acalme uma aflição [...] (ABRAMOVICH, 1995, p. 20).

Diante disso, seria interessante que o educador refletisse sobre a utilização da crônica, especialmente na pré-escola, pois ela possui requisitos necessários para tornar a leitura um momento agradável, e a criança necessita conhecer a realidade tal como ela é, claro, usando uma linguagem adequada para o momento. Como diz Abramovich (1995, p. 99), “[...] não faz sentido é abordar uma questão de modo superficial, contar uma história de modo mascarado, maquiado, pretensamente facilitado [...]”.

O professor deve também estar atento ao desenvolvimento do mundo, assim como também para as contradições que a criança está vivendo, para que escolha bem a literatura a ser trabalhada e discutida.

Quanto à fábula, a professora “A”, considerou bastante importante marcando a alternativa como número um (1).

Já as professoras “B”, “C”, “D” e “E”, discordaram da professora “A” e consideraram a fábula com um grau de importância menor, mas também importante, a saber: o número dois (2).

A fábula é uma narrativa de natureza simbólica de uma situação vivenciada por animais que se refere a uma situação humana. Os animais despertam grande interesse nas crianças. Parece ser esse o motivo delas gostarem tanto das fábulas. De acordo com Coelho (1984), os animais são os personagens mais importantes no domínio da literatura, e continuam sendo uma fonte de sugestões para a invenção de histórias atraentes para as crianças.

O professor pode aproveitar esse interesse dos pequenos e propor atividades que visem transmitir a moralidade que as fábulas possuem.

Portanto, de acordo com Coelho (1984, p. 117), “[...] o campo continua aberto. Vivemos novamente em tempos propícios às fábulas [...]”.

Dessa forma, segundo a autora as fábulas ainda continuam sendo ótimos recursos para serem utilizados na creche pois contribuem bastante para o aprendizado das crianças.

Por fim, foi solicitado às professoras acerca de suas opiniões sobre se a literatura infantil contribui no processo de desenvolvimento das crianças e como isso ocorre, se posicionaram da seguinte maneira:

- A. *“Com certeza, porque através da literatura infantil trabalhamos o cognitivo (raciocínio) das crianças. Ocorre através da relação cotidiano, do saber das crianças. As imagens, ilustrações despertam a imaginação”.*

- B. *“Sim, desenvolvendo o seu cognitivo, sua linguagem e até mesmo tirando aos poucos a timidez e buscando cada vez mais conhecimento sobre a literatura infantil e deixando fluir o mundo da imaginação que há dentro de cada criança”.*
- C. *“Contribui muito pois a história em si, a criança desenvolve seu lado cognitivo, buscando uma viagem no mundo da imaginação”.*
- D. *“Sim. A leitura tem um papel muito importante pois trabalha o lado emotivo da criança e principalmente atenção”.*
- E. *“Reconhecer a importância da literatura infantil e incentivar a formação de hábito de leitura na idade em que todos os hábitos se formam e onde a criança desenvolve sua imaginação, fantasias, emoções e com isso elas tomam o gosto pela leitura de forma prazerosa e assim que ocorre”.*

Quando indagadas sobre a contribuição da literatura infantil no desenvolvimento das crianças, todas as docentes responderam que sim. Mas, para as respostas de como acontece esse desenvolvimento, as respostas foram variadas, mas com uma mesma linha de pensamento, como ocorreu com as professoras “A”, “B” e “C”, que concordaram entre si que a Literatura Infantil amplia o cognitivo das crianças assim como desperta a imaginação.

Abramovich (1995, p. 120), diz que “[...] todo esse processo é vivido através da fantasia, do imaginário, com intervenção de entidades fantásticas (bruxas, fadas, duendes, animais falantes, plantas sábias [...])”.

Pode-se perceber que as três professoras “A”, “B” e “C”, concordam que a literatura infantil através das histórias de imaginação e fantasias desenvolvem o conhecimento das crianças.

A professora “D” respondeu que a leitura desentorpece as emoções da criança e especialmente a atenção.

Se tratando de emoções, como se vê na fala da professora “D”, Abramovich (1995, p. 120) diz que a literatura infantil lida “[...] com emoções que qualquer criança já viveu [...]”. E Jezine (2009, p. 250) acrescenta:

É ouvindo histórias que se pode ter contato com emoções importantes como: a tristeza, a raiva, a irritação, o medo, a alegria, o pavor, a impotência, a insegurança e tantas outras mais, e viver profundamente essas narrativas que provocam e suscitam em quem as ouve ou as lê sentimentos e significâncias.

Com relação à atenção, Jezine (2009, p. 237) diz que “[...] para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade [...]”.

O professor, principalmente da educação infantil deve se preparar, de maneira que crie todo um clima de interesse na turma, ele precisa se esforçar para ser dinâmico e criativo para propiciar uma aula de leitura interessante para as crianças, e que estas se sintam motivados para receber as informações. Como afirma Coelho (1984, p. 27):

Não podemos esquecer que, sem estarmos motivados para a descoberta, nenhuma informação, por mais completa importante que seja, conseguirá nos interessar ou será retida em nossa memória. Ora se isso acontece conosco, adultos conscientes do valor das “informações”, como não acontecerá com as crianças?

As afirmações das autoras supracitadas sintetizam bem que para que a leitura chame realmente à atenção da criança, se faz necessário que o educador seja um bom contador, que busque estimular a imaginação da criança para que ela receba a leitura como algo satisfatório e não enfadonho. Abramovich diz que:

O narrador tem que transmitir confiança, motivar a atenção e despertar admiração. Tem que conduzir a situação como se fosse um virtuose que sabe seu texto, que o tem memorizado, que pode permitir-se o luxo de fazer variações sobre o tema (ABRAMOVICH 1995, p.20, apud ELIZAGARAY, 1979).

O professor tem que mostrar a sua turma que ele conhece a história, para que as crianças sintam que ele sabe realmente conduzir a aula. Dessa forma, as crianças se sentirão motivados e despertarão confiança e desejo pela situação.

A professora “E” afirma que é importante que a criança pequena tenha contato com a literatura desde cedo para que ela desenvolva o hábito e o gosto pela leitura.

De fato, a inserção das crianças na literatura deve ser estimulada ainda em casa com a colaboração dos adultos ao lhes mostrar os livros e contar histórias de um modo prazeroso, para que ao entrar em uma instituição escolar, elas venham sentir o desejo de ouvi-las. Vale salientar a importância do professor em fazer desses momentos espaços para diversão, emoção e aprendizado de uma maneira satisfatória e prazerosa.

É através da mediação do professor, criando uma interação entre o aluno e o livro, numa leitura partilhada, que ele consegue transformar esse ato em uma experiência

formadora, ajudando as crianças a desenvolver seu conhecimento de mundo e poderem se tornar cidadãos conscientes, com capacidade de decisão ao atuarem nas suas realidades.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todas as informações contidas neste estudo, pode-se concluir que é bastante importante mencionar que a leitura e contação de histórias podem ser importantes para promover o desenvolvimento das crianças na educação infantil.

O que ficou claro foi que não é fácil trabalhar com a educação infantil, uma vez que se trata do início da vida escolar das crianças. Na educação infantil não se busca a aplicação de conteúdos, mas por meio da leitura feita pelos professores, se visa inserir as crianças em um mundo mágico, desconhecido até então por elas e que é capaz de contribuir para seu aprendizado, instigando sua imaginação, compreensão e atenção.

A contação de histórias é essencial na educação das crianças. Portanto, as rodas de conversa, as leituras, o acesso aos livros deve sempre manter-se presentes nas ações pedagógicas das educadoras como requisitos essenciais para o aprendizado. Ao longo das entrevistas realizadas, o que foi possível observar é que as professoras, de maneira geral, conservam o esforço em manter a leitura presente no dia a dia em suas salas de referência.

Nesse sentido, a leitura e contação de histórias devem estar presentes nas vivências realizadas, sendo considerado um importante fator diante desse processo uma vez que, permite à criança, um valioso contato com o universo mágico da literatura.

Diante disso, foi importante trazermos em nosso trabalho a literatura infantil, com um breve percurso histórico assim como a contação de histórias na educação infantil, com temas, importância e, também, formas de contar. Já o questionário dirigido às professoras nos proporcionaram um olhar acerca das práticas de contação de histórias por elas realizadas.

Baseados em nossos estudos, ficou claro que as professoras fazem uso da literatura infantil nos mais variados momentos da sua rotina. A leitura é um fator presente na instituição, o que facilita o trabalho das profissionais e o aprendizado das crianças.

Segundo as respostas fornecidas pelas professoras, a utilização de leituras com suas turmas proporcionou um melhor rendimento das crianças. É importante destacar, portanto, que esse momento de aprendizado pode e deve ser estendido para além dos muros da instituição escolar. É essencial que a criança também possa contar com seus familiares nessa importante contribuição na sua formação.

Essa temática é fundamental para a nossa formação enquanto pedagogos, portanto é formidável perceber que a contação de histórias pode ser uma aliada considerada essencial frente ao trabalho pedagógico, pois possui em si uma série de recursos que são capazes,

indiscutivelmente, de disponibilizar as mais diversas contribuições ao longo da vida das crianças.

Dessa maneira, a temática deve ser sempre aprofundada na educação continuada, para uma melhor compreensão e qualidade na prática educativa.

Por fim, este trabalho contribui para que haja uma maior reflexão por parte dos profissionais da educação em perceber a importância da contação de histórias na educação infantil e fazer uso dela, diariamente, como uma forma de ampliar as possibilidades de desenvolvimento das crianças.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 5 ed., 1995.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>>. Acesso em: 04 maio 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/index>>. Acesso em: 29 abr. 2015.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil**: história, teoria, análise. 3 ed., São Paulo: Quíron, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**. 3 ed., São Paulo: Quíron, 1985, p. 163-220.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 5 ed., São Paulo: Contexto, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed., São Paulo: Atlas, 1999, 128 p.

JEZINE, Edineide (Org.). **Desafios pedagógicos**: práticas educativas na escola básica. João Pessoa: editora da UFPB, 2009.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6 ed., São Paulo: Ática, 2002. 112 p.

LAJOLO, Marisa. **Tecendo a leitura**. LEITURA: TEORIA & PRÁTICA. Campinas/Porto Alegre: ALB/Mercado Aberto, n. 3, p. 4, 1984. Disponível em: <<http://ltp.emnuvens.com.br/ltp/search/search>>. Acesso em: 2 abr. 2015.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. 10 ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991. 164 p.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

MENÉRES, Maria Alberta. **Sonhar o passado**: a importância do conto de fadas. Porto, Ed. Asa, 2003. Disponível em: <<https://tapetedesonhos.wordpress.com/>>. Acesso em: 26 maio 2015.

PARÂMETRO CURRICULAR NACIONAL. **Língua Portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1997. p. 91.

LOPES, Mara Cristina Barbom. **Uma leitura crítica do gênero contos de fadas no ensino da língua portuguesa**. 2010.

Disponível em: < <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/>> Acesso em: 31/05/2016

PINHEIRO, Hélder (Org.). **Poemas para crianças**: reflexões, experiências, sugestões. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

PINHEIRO, Hélder (Org.). **Poesia na sala de aula**. 2 ed., João Pessoa: Ideia, 2002.

PORTILHO, Gabriela. **Leve a crônica para as aulas de língua portuguesa**. 2013.

Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2/leve-cronica-aulas-lingua-portuguesa-730805.shtml>>. Acesso em: 10 maio 2016.

RESENDE, Vânia Maria. **Literatura infantil e juvenil**: vivências de leitura e expressão criadora. 1 ed., São Paulo: Saraiva, 1993.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SILVEIRA, Maria Claurênia Abreu de Andrade. Literatura Infantil: Gêneros Textuais em mediações de leitura. In: TEIXEIRA, Luciênio de Macêdo; Dias, Plínio Rogenes de França (Org.). **Língua, Linguagem e Produção de Conhecimento na Educação Infantil**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2012, p. 139-184.

SIMÕES, Vera Lúcia Blanc. **Histórias infantis e aquisição da escrita**. São Paulo, 2000.

VILARINHO, Sabrina. **Crônica**. Brasil Escola. Disponível em:

<<http://brasilecola.uol.com.br/redacao/cronica.htm>>. Acesso em: 7 abr. 2016.

APÊNDICE